

Através de *A Decadência do Ocidente*, Spengler marcou uma determinada época na filosofia e na cultura alemã. Aliás, a sua influência foi grande entre a generalidade dos pensadores e cientistas. Spengler constrói a História Universal partindo das ideias de Goethe e Nietzsche. Apoiado nos dois, ele busca explicar a relação entre cultura e as formas sociais.

A existência das estruturas históricas é condicionada ao processo de uma **lógica orgânica**: nascimento e morte, juventude e velhice. As formas históricas - povos, idiomas, épocas, Estados etc - são **símbolos** que devem ser interpretados como formas particulares, organismos autónomos e independentes que compartilham entre si uma única coisa: o mesmo ciclo de existência.

Uma outra singularidade que sobressai ao leitor da *Decadência* é a negação da ideia de causalidade. Negando-a, Spengler implode a concepção aceite como sólida pelo senso comum: a sucessão de regularidade. É possível usar como exemplo a fervura da água, que é entendida através da associação de regularidades sucessivas entre dois elementos: o fogo e a água. Mas, convém não esquecer que é a ideia de causalidade a responsável pela concepção histórica do devir. Negar a causalidade significa transformar o devir em algo mais ou menos imprevisível, porque construído por sujeitos activos que não estão submetidos a nenhuma lei. Por outro lado, é a causalidade que possibilita a Spengler fazer uma visão retrospectiva do mundo.

Pode-se perguntar que relações ligam e distanciam a linguagem, o mito, a ciência e a religião. Esta questão, abrangente e sufocante, é, talvez e por isso mesmo, presente em algumas filosofias da cultura. A resposta, por mais simples que seja, exigirá a defesa de uma 'verdade' que motive o surgimento das distintas manifestações culturais, bem como as relações dessa verdade criadora com a história visível e a vida. A **história** torna-se visível através das diferentes **formas simbólicas** que, sendo mutantes, exigem uma análise orgânica, viva. Esse enfoque procura estabelecer a distinção entre o estudo de história e o da matemática, uma vez que, nessa última, as formas são estruturas mortas. É a história que a imaginação procura compreender - não só o seu existir, como também o existir do universo que a envolve. Nessa busca de autocompreensão faz-se necessário que a imaginação se detenha na análise dos fenómenos, nos seus aspectos mais profundos, e construa uma teoria para explicá-los.

A linguagem usada por Spengler denota uma visão existencial ansiosa por captar o que ele acredita ser o **homem real**. Visão histórica esta que obriga o pensar spengleriano a preocupar-se com o **tempo** no qual o homem vive e expressa sua vontade, escrevendo suas acções. A **singularidade de cada homem** é traçada pela linguagem, espelho específico e intransferível de seu estágio cultural.

O processo histórico vincula-se à circunstancialidade factual nos seus diferentes momentos: **juventude, crescimento, florescimento e decadência**. A perda da humanidade é o produto mais perfeito gerado pela grande metrópole. Na urbe, o homem torna-se parasita e nómada, uma vez que todos seus laços com o campo foram rompidos. Em compensação, o homem urbano é dotado de mais inteligência e sagacidade. Nas **grandes cidades**, o ser humano encontra-se submetido à **ordem fria dos factos**, à irreligião científica. Na metrópole, a busca de uma **atividade profissional lucrativa**, quase sempre o conduzirá ao esquecimento de seu sentimento ético-social. Mas, só a urbe tornará possível o intenso intercâmbio económico, possibilitando, ao mesmo tempo, o surgimento de grandes massas humanas sequiosas de pão e circo, como no tempo do Império Romano!. Nela, não é necessário ser culto, mas sim **civilizado**. Ao ser civilizado, o homem termina por submeter-se, gerando manifestações artísticas que só dizem respeito a si e aos seus pares. Mas as suas energias são dirigidas tão somente para o exterior. O ser humano transforma-se em expansionista, fatalidade demoníaca e monstruosa; o

espírito torna-se complemento da extensão. Na metrópole, o tempo exige decisões rápidas. É o tempo do horário comercial e bancário, circunstância que apresenta o homem moderno sob dois aspectos: o cerebral e o criador da cultura, este último, produto final do sujeito histórico. A modernidade é sinónimo de mudança constante e de impossibilidade cultural. Desejar da modernidade algo sólido, imutável e seguro é nostalgia, ou seja, perder-se no tempo pretérito sem procurar entender a necessidade íntima da história. As formas clássicas de manifestação cultural estão esgotadas.

**Hoje, o aperfeiçoamento técnico é o substituto da criação cultural.** Não cabe ao homem moderno ser lírico, o que não exclui a vocação, a esperança, mesmo que esta, quase sempre, redunde em fracasso. Épocas distintas exigem filosofias diversas. Para Spengler, a filosofia contemporânea aviltou-se. O que ela tem a oferecer é pobre e mesquinho: o jogo académico, um esgrima intelectual de conceitos vazios. O filósofo deixa de ser um lutador, aquele que lança seu destino numa única estocada, para metamorfosear-se em cordato professor.

A morfologia da história universal é uma simbólica universal. Redução que irá possibilitar a Spengler a descoberta de grupos com idênticas afinidades morfológicas. As diferentes maneiras de conceber o mundo podem ser denominadas com uma única palavra: morfologia. Mas, na verdade, duas são as morfologias, a **sistemática** - que trata a matéria e seus nexos casuais - e a **fisiognómica**, que trata das formas orgânicas - a vida e a história. A morfologia é também o caminho que possibilitará ao homem transformar o conhecimento em reconhecimento espiritual de si, acto de afirmação frente à morte. O terrível medo que gesta as religiões e também cria as ciências e as filosofias. Não devemos esquecer que, ao mesmo tempo em que Spengler cria a forma da grande cultura, ao estabelecer uma teoria da simbólica histórica, ele procura explicar a história universal partindo da análise dos factos da vida quotidiana por acreditar que, nesses factos, se encontram os significados das palavras alma e mundo. E evidencia que o tempo, ao agir sobre a vida e o devir, lhes atribuirá aspecto enigmático.

Para Spengler, a honra da classe, da família, do homem, da mulher ou da pátria valoriza a vida, dotando-a de força histórica e nobreza; por isso a honra define o homem. Não possuí-la é desvalorizar a vida, tornando-a inócua, frágil e vazia. A cultura universalista, que não considera a existência do sangue, da força da terra, torna-se decadente.

Ao contrário do que geralmente se imagina, *A Decadência do Ocidente* não é um lamento de formas pretéritas, e, sim, uma metodologia à contemporaneidade. Contudo, estranha ironia surgirá: as mudanças constantes, a perda de referencial e outras tantas transformações que caracterizam a modernidade, é possível que tenham perturbado Spengler, a ponto de permitir que a falsa estabilidade, prometida pelo fascismo, o atraísse. De qualquer modo, Spengler soube muito bem antever as vicissitudes histórico-culturais que hoje em dia presenciamos, **projectando**, nas suas reflexões pessimistas e desencantadas, um cenário hipermoderno, em que a excelência cedeu o seu lugar à normalidade.

Não interessa hoje ser bom, mas ser como os outros, não criando, consumindo, não pensando, mas simplesmente deixando-se levar pelas ondas do situacionismo moral e cultural.